

TRANSPASSANDO O LABIRINTO DE ESPELHOS PÓS-MODERNO: NAS MÃOS, A LANTERNA DA RAZÃO E O FORMÃO DA PRÁXIS

TRANSPASANDO EL LABERINTO DE ESPEJOS POSTMODERNO: EN LAS MANOS, LA LINTERNA DE LA RAZÓN Y LA PRAXIS

André Luis Amorim de Oliveira¹

Júlio César Ribeiro²

RESUMO

O texto versa sobre alguns dos principais elementos-chave do chamado campo *pós-moderno*, cuja influência sobre a ciência (humana e natural) é reconhecida desde a década de 1960. Nesse sentido, procuramos focar (racional e sumariamente) os fundamentos, condicionamentos e, fundamentalmente, os limites teórico-metodológicos e ideopolíticos do pós-modernismo na geografia.

PALAVRAS-CHAVE: pós-modernidade; crítica marxista; geografia.

RESUMEN

El texto explora algunos de los principales elementos clave del llamado campo posmoderno, cuya influencia en la ciencia (humana y natural) ha sido reconocida desde la década de 1960. En este sentido, tratando de enfocar (racional y brevemente) los fundamentos, acondicionamientos y, fundamentalmente, los límites teóricos y metodológicos y ideopolíticos de la postmodernidad en la geografía

PALABRAS-CLAVE: posmodernismo; crítica marxista; geografía.

INTRODUÇÃO

Pós-modernidade é a modernidade sem as esperanças e os sonhos que a tornaram suportável (HEBDIGE, 1988).

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul UFMS/Três Lagoas.

² Professor de Geografia na UFMS/Três Lagoas.

Iniciamos o texto com a citação do kantiano-nietzscheano, Dick Hebdige. E propomos, desvalendo-nos das armas do sarcasmo e da ironia – usualmente empunhadas pelos pós-modernos para abater aos adversários – dialogar com teorias divergentes, para demonstrar as suas raízes espaço-temporais e provar que nem tudo é vão, caótico e sem sentido, como entoa, aliás, o coro *pós-modernista*.

A propósito, desde o final da década de 1960 e início dos anos 1970, quando do aprofundamento da crise estrutural do capital (MÉSZÁROS, 2002), destaca-se, em quase todos os âmbitos da *totalidade* social, no dito “mundo das ciências” inclusive, aquilo que se convencionará chamar de bloco pós-moderno³.

Como é de conhecimento geral, esse campo não é facilmente demarcável, dado o conteúdo extremamente heterogêneo, fragmentado, caótico, efêmero, paradoxal, anárquico e metamórfico (EAGLETON, 1998). Apesar disso, é possível traçar os *limites* e as *potencialidades* dos *elementos-chaves* dessa vertente⁴, bem como as influências sobre a ciência em geral e a geografia, em particular (HARVEY, 2011).

Na década de 1980, segundo Soja (1993), ocorrerá a penetração na ciência geográfica dos “olhares”, “discursos”, “leituras” e “narrativas” pós-modernos, atingindo até mesmo o seu reduto crítico/radical – como restou conhecido –, que sofrerá, semelhantemente, com o retumbar dos efeitos da pós-modernidade⁵. Nos anos 1990, então, tal postura acrítica continuará a galgar poder.

³ Esse termo compreende a arte (arquitetura, literatura, pintura etc.) e outras esferas culturais (ciência e filosofia inclusas), transbordando na economia e na política (RODRIGUES, 2006, p. 10).

⁴ As ideias de pseudoilógica e pseudoirracionalidade, que entranhariam a realidade, para os pós-modernos, nada mais prestam que a tentar retirar do capitalismo o seu projeto político universalista, para render-se ao niilismo e ao ceticismo (EVANGELISTA, 2007, p. 179, 181, 184). Para isso, enaltecem a metanarrativa conservadora do fim das metanarrativas revolucionárias (RIBEIRO, 2010b) e afixam a prevalência da perda do nexos causal no ser social, como a potencialidade da transformação radical – bem ao gosto positivista, popperiano p.ex. (idem, 2009a).

⁵ Há um mosaico amplo, composto por geografias alternativas e pós-modernas, como as fenomenológicas, existencialistas, pós-existencialistas, neo-ultra-positivistas, pós-estruturalistas, neoirracionalistas, pós-marxistas etc., cujos conteúdos apresentam-se igualmente nuançados (objetivismos, relativismos, empirismos, descritivismos, voluntarismos, pragmatismos, quantitativismos, evolucionismos, biologismos, imediatismos, cientificismos, irracionalismos etc.). Ainda que muitas delas estejam vinculadas a “preocupações práticas”, não deixam de expressar um *vaivém* dialético, de: *aproximação* (consciente ou não, ao “ponto de vista do capital”) e *afastamento* (consciente ou não, ao “ponto de vista do trabalho”). Momentos, diria Löwy (2007, parênteses nossos) relacionados à *situação (histórico-geográfica) social*, demarcada, hoje, pelos desdobramentos da crise estrutural do capital, na qual a *forma de ser* das ciências humanas em geral e, em especial, da geografia, apresenta-se atravessada por prismas interpretativos, discursivos e narrativos abusivamente multifacetados e conflitantes.

Importante que se diga que essa “assimilação” teórica (quase orgiástica, na Geografia) corresponderá às mudanças e novas *determinações* sociais da época, dentre as quais a intitulada como “crise da modernidade”, que, na ótica pós-moderna, conferirá a necessidade de uma reformulação científica (para alguns, renovação) com vistas à valorização de temas tangenciados pelos marxistas, tais como: o *humanismo*, a *cultura* e as *representações*⁶, as *minorias* e os *novos movimentos sociais* (feministas, ambientalistas, pós-colonialistas etc.), para ficarmos com os mais candentes.

Nesse processo, o trato para com Marx e os marxismos, como para com o socialismo/comunismo, por parte dos mais diversos pós-modernos, incluindo aí os geógrafos pós-modernos, não importam as matizes, vão, no geral, de um tímido reconhecimento do valor das preocupações teóricas e humanísticas ao total descaso e indiferença, com rejeições as mais veementes⁷, frequentemente pejadas de análises confusas, caricatas e/ou completamente equivocadas, principalmente no que atine à *essencialidade* dessas teorias (culminando, por vezes, em apreciações banais sobre a vida pessoal de Marx). Crivado de tenção degenerativa, direta ou mediata, grande parte do pseudorreconhecimento vale-se da tática de aproximar para destruir, como tão bem ensinam os manuais de retórica. (Não é raro ouvir um cientista, marxista até, atribuir a pecha de *discurso* à teoria do colega – como fazem os positivistas – para, como na igreja, junto dos asseclas e opostamente ao “herege”, vaticinar a “verdade absoluta” ecoada do “oráculo” Marx. Ao largo da bobagem da vaidade academicista de tais marxistas, que, como os pós-modernos, importam-se mais com a validação do discurso do que com a verdade, uma das essências da teoria marxiana é a *negação afirmativa*, para abolir as teses rigidificadas no tempo.)

⁶ Representações, a nosso ver, *stricto sensu*, pois o marxismo há muito aborda questões como ideologia e consciência de classe, a guisa de exemplo, que concernem à *re*-apresentação do concreto real no mundo da mente, como concreto pensado (*lato sensu*).

⁷ Um exemplo: “Ihad Hassan insurge-se contra a ‘raiva ideológica’ e a ‘prepotência dos dogmáticos’ dos críticos marxistas em sua submissão ao ‘jugo de ferro da ideologia’, ao ‘determinismo social’ e ao preconceito e desconfiança em relação ao ‘prazer ético’. Advoga, ainda, que termos como direita e esquerda, base e superestrutura, produção e reprodução, materialismo e idealismo, perderam qualquer significação e são quase inúteis. Por sua vez, Robert Venturi e Charles Jencks irão recusar o caráter progressista, revolucionário, utópico e purista da ‘arquitetura ortodoxa moderna’, em seu questionamento das condições vigentes na sociedade capitalista. De modo mais direito, Jencks festeja o pós-moderno em sua tolerância pluralística e abundante num contexto sócio-histórico em que perdera sentido polaridades como ‘esquerda e direita’, capitalista e classe operária, pois não mais havia ‘inimigo a derrotar’” (EVANGELISTA, 2006, p. 275).

Tal é a falsária política do morde e assopra, dos tapinhas nas costas e do fechamento de portas... Nenhuma novidade, até aí. A guerra ideo-política não se circunscreve à relação entre as classes, como internamente a elas. Não é casual que nesse processo, Marx e seus seguidores, sejam tratados como cachorros mortos. Ou como se fossem resquícios jurássicos de um (espaço)tempo (a ser) esquecido.

O *élan* pós-moderno orienta-se a atacar resquícios da utopia iluminista e revolucionária, fracassada, dizem os pós-modernos, com a prova “irrefutável” do fim do “socialismo real”. Eis o *núcleo identitário* da vertente: a crença na insuperabilidade das condições materiais de uma sociedade profundamente doente por qualquer *sujeito revolucionário*. Dessarte, por maiores que sejam as ramificações internas à pós-modernidade, o traço comum alude à resignação, niilismo, antimarxismo, antissocialismo e, no limite, ao desarme político de cunho revolucionário. (Adota-se a postura pró-burguesa, pois, se existe, é circular e não mais espiralado o movimento.)

Por que dialética e radical, deve ser cuidadosa a atitude marxista. De modo algum, porém, defensivista, inclusive pelo *modus operandi* pós-moderno enredar-se propositivamente avesso às teorias marxiana e marxista. Com efeito, os conflitos estruturais que “pairam sobre” a ciência (pós-moderna?) remetem à totalidade do sistema do capital, manifestando-se nas “formas ideológicas sob as quais os homens adquirem consciência desse conflito e o levam até o fim” (MARX, 2008, p. 48). Eis o *espaço*(tempo) mediador na “batalha das ideias” (KONDER, 2009).

A que se resistir à *performatividade descritiva* pós-moderna que pretende suprimir (no plano das ideias) a contradição entre capital x trabalho; especular não só sobre um suposto fim da luta de classes, como das próprias classes sociais, investindo na continuidade das pesquisas. (Há mais em jogo do que meros *jogos de linguagem*. Há luta de classes!).

Validos da peroração do *fim da sociedade de classes*, os pós-modernos agem tanto em prol do consenso, pacificação e harmonização dos múltiplos grupos sociais, como para incriminar aos marxistas de acolherem visões reducionista, determinista e economicista. Ora, não poderia ser mais retórica a preposição: eles censuram aos marxistas, justamente os que buscam a *totalidade* (dinâmica), de

reducionismo; depois, tacha-os de *deterministas* (eurocentristas etc.), quando eles é que comungam o juízo da indeterminidade; por fim, com os pés submergidos no lamaçal do *culturalismo estruturalista*, carimba-os de economicistas.

Não se trata de cancelar a tudo que emana da ala pós-moderna, em um infértil *a priori*. Nem de aproximar para cega e raivosamente destruir. Cumpre, antes, compreender os seus traços constitutivos e os condicionantes histórico-geográficos dessa “colcha de retalhos” para o desvendamento de tamanha influência no “mundo da ciência”, particularmente na Geografia, perscrutando as *mediações*, *determinações*, *contradições*, *limites* e *potencialidades*, nos circuitos científico, político e social.

Dessa feita, os conteúdos da dita “ciência pós-moderna”, na medida em que expressam, inda que de forma parcial, inepta e enviesada, traços ideo-políticos e culturais do espaço-tempo presente, resguardam, concomitantemente, indicações das mutações em curso. “Elementos” de “verdade” que podem sinalizar a aspectos (objetivos e subjetivos) até então desprestigiados. (Mesmo que os corifeus da pós-modernidade recusem a potencialidade do alcance da *verdade*, podemos nos valer do pseudoapolitismo para identificar a hiperalienação da política hodierna.)

Para sermos justos, se não inaugurara a investigação moderna sobre os limites das tradições iluminista e positivista, a pós-modernidade prestou para enaltecê-las⁸. Fatores subjetivos, individuais, linguísticos, culturais, simbólicos, religiosos, étnicos, ecológicos, sexuais etc., para não citarmos temas como espacialidade, territorialidade e temporalidade, ganharam a ribalta e os projetores pós-modernos. Mas isso não quer dizer que anteriormente à investida pós-moderna inexistia (auto)crítica (interna ao próprio marxismo), como se eles tivessem inventado a roda de tudo o que é considerado novo e importante.

Entretanto, mesmo as perspectivas valoradas pelos pós-modernos, aparentemente sólidas, *desmancharam-se no ar*. Ao subsumirem os “fatores modernos” em prol do hipotético “admirável (?) mundo novo pós-moderno”, imanentemente caótico, polimorfo, disperso, mutante e esquizofrênico, jazia oculto no discurso o poder *omniabrangente* do capital, como a essencialidade “de controle à qual tudo o mais, inclusive seres humanos, deve se ajustar, e assim provar sua

⁸ Marx foi o primeiro a rejeitar o “absolutismo racionalista” da Ilustração (presente na tríade verdade-razão-ciência), sem desprezaver-se das “armadilhas do relativismo” (BORÓN, 2003, p. 49).

‘viabilidade produtiva’, ou perecer caso não consiga se adaptar” (MÉSZÁROS, 2002, p. 96). Os pós-modernos, rejeitando o poder das ideologias, verdejavam a árvore ideológica da caoticidade, ilogicidade e irracionalidade, precisamente quando o capital avançava a instrumentalização e cientificização da produção.

Na medida em que a superficialidade da “antinarrativa” pós-modernista renunciava, *in loco*, a modernidade e a seu legado, jogando, como diz o ditado, a criança e a água para fora da bacia, erodiam-se alguns de seus acertos propositivos. Encimado na análise da arte, é possível afiançar a crença pós-moderna na superioridade do descrever ao narrar, quando, sob a perspectiva lukacsiana, a narração imprescinde da envoltura política do sujeito com a obra (RIBEIRO, 2009b).

Não obstante as transformações no sistema do capital pós-1970 imporem determinações novas à arena geográfica, ao mesmo tempo em que mantinham firmes as bases *exploratória* e *classista*, no canal da ideologia prosseguia ressoando os sermões da intelectualidade pós-moderna, insistentes nas autoimagens vanguardista e catártica. No fundo, não representava nada além de uma narrativa *adialética*, por vezes *antidialética*, pela desistência antecipada ao dialogar com aquilo que fosse considerado moderno, iluminista, racional e objetivo.

A própria ciência de viés crítico e engajado, proponente da emancipação humana, foi rejeitada de antemão, por que ensacada no fracasso da *metanarrativa* generalista. A (*meta*)teoria marxiana, lastreada na razão, na busca pela verdade e pela transformação, exaurira-se na sua inteireza, sob o prisma *pós*, mas de modo algum enquanto ferramenta concreta de apreensão das condições da barbárie capitalista contemporânea. Nesta seara, aliás, a teoria marxiana/marxista, ao contrário do que especulam os pós-modernos, “permanece, pois a filosofia de nosso tempo: é insuperável porque as circunstâncias que o engendram ainda não foram superadas” (SARTRE, 1987, p. 124).

Os sinais “progressistas” e “de esquerda” dos segmentos pós-modernos têm caído por terra, e por culpa própria, na medida em que mostraram incompetência para indicar alternativas para *compreender* e *projetar* uma teoria de transição para *além do sistema do capital* (MÉSZÁROS, 2002). A que mais serviria, senão a

legislar o fim da história e o congelamento do espaço? Nessa medida, o pós-modernismo acaba por chegar-se ao princípio TINA⁹.

A teoria marxiana – e a *práxis revolucionária*, por uma não existir sem a outra – continua não só a investir energias à apreensão da realidade, como, acima de tudo, opera como fio condutor à mudança radical. Eis aí uma das *diferenças* entre marxismo x pós-modernismo, o “de oposição” no meio.

Essa diferença ou prerrogativa substancial pode ser corroborada, textualmente, nos próprios bastiões, em voga (moda?), da “teoria científica” pós-moderna. Daí a imprescindibilidade avaliativa dos condicionantes geográficos, ideológicos e políticos, que demarcam o abrolhar e avançar da pós-modernidade.

Dito isso, trataremos a seguir de alguns dos rebatimentos dessa torrente pós-moderna no “mundo da ciência”¹⁰, com o foco na Geografia.

Em tempos de *crise estrutural do capital* e de tudo que ela alude em termos de destruição social e natural (precarização do trabalho, desemprego, retrocesso das representações e órgãos trabalhistas e classistas, concentração e centralização de capital, obesidade mórbida do capital especulativo-parasitário, refluxo dos movimentos de massa, piora da qualidade da vida na Terra etc.), testemunhamos, por mais incongruente que possa aparecer, ao reanimar de teorias, epistemologias, ontologias (antiontológicas), ideologias (pseudoanti-ideológicas) e metodologias (antimetodológicas)¹¹ acreditadas “mortas” no âmbito das ciências sociais; soltas, danam elas a perambular como zumbis por espaços os mais diversos, avultando o eterno apego pelo transitório e a sólida fixação pela fluidez. Transeuntes que são, tem a capacidade de “contaminar” o já predisposto meio científico-acadêmico.

⁹ Slogan político neoliberal que defende não haver alternativa para competitividade de mercado e, por conseguinte, uma saída para além do capital. O acrônimo TINA, em inglês, significa **There Is No Alternative** (*Não há alternativa*).

¹⁰ Colocamos, como deve ter ficado evidente, o termo ciência entre aspas, quando concernente à pós-modernidade, por não serem poucos os que a equiparam à mera “literatura filosófica”.

¹¹ Mesmo as interpretações, teorias, metodologias etc., que são “prisioneiras de seu tempo”, podem renascer ao longo da história. Como esclarece Mészáros (2004), são elas redefinidas pelas exigências práticas de suas funções num quadro sócio-histórico específico. Vide a força do kantianismo e do positivismo na Segunda e Terceira Internacionais e as consequências desastrosas à teoria marxista e ao movimento comunista. Esse regresso pseudovanguardista vitimou, dentre outros, a Negri e Hardt, confluindo na sua (anti)teoria do imperialismo (BORÓN, 2002).

Movimentações pós-modernas essas ontologicamente incapazes de atalhar a aparição de novas determinações¹² científicas, vez que resultantes da dinâmica histórico-geográfica do ser, determinada, em *prima facie*, pelo capital. Endossamos, com isso, que, não permanecendo imune aos processos histórico-geográficos, a “ciência-pós” também maneja o seu *espaço* na Geografia¹³. (Até para fazer a política da análise apolítica restringir-se ao *localismo*, abominando a totalidade.)

Evidentemente, situando a questão nos termos da processualidade dialética existente entre ciência e regime societal, é indispensável que atinemos aos movimentos de *continuidade* e *descontinuidade* do *espaço-tempo* (Continuidade histórica, no limite, rompida por *revoluções* que desnudam os ângulos antagônicos do ser.) ao invés de especulações que propugnam um “mundo caótico” e num “universo” onde prevalecem as “descontinuidades”.

Na contramão, portanto, da perspectiva *pós*, que proclama a crise e o colapso da modernidade e o imperativo de uma “ciência” afeita à transição paradigmática, societal e epistemológica, “que não se legitimaria mais pela elaboração de sínteses homogeneizadoras”, mas “pela atenção creditada ao paradoxal, às diferenças e ao ininteligível”, polemiza Rodrigues (2006, p. 10), faz-se mister, ao invés do abandono, o mergulho a fundo na concepção dialética marxiana, porque, em se tratando da ciência, esta, ao menos na visão marxista, “está sempre inextricavelmente ligada aos desenvolvimentos da sociedade em cujo solo ela opera” (MÉSZÁROS, 2004, p. 254). Isto é, a dialética marxiana sinaliza para as correlações e mediações entre base material e ciência, de modo que, mesmo em sua *relativa autonomia*, a ciência não está descolada da base sócio-histórica e geográfica.

O problema está no formalismo *manipulatório* e *instrumental* da pós-modernidade, que propaga miragens de “objetividade científica”, “neutralidade axiológica”, “isenção ideológica” etc., impedindo-os de enxergar a “assistemática” sistêmica no ser social. O *pós* acaba por ser *pró*: modismos, ecletismos, pluralismos, relativismos, pragmatismos, subjetivismos, presentismos, (neo)irracionalismos, anti-humanismos, (neo)positivismos e (neo)idealismos. (O novo nasce velho e, tal qual a sociedade burguesa, sem laudável futuro.)

¹² Ocorrem, obviamente, repercussões das mudanças societárias noutras esferas (cultura, estética, arquitetura, literatura, filosofia, arte etc.), onde a ventania pós-moderna corre solta.

¹³ Cf. SOJA (1993); BENKO (1999); HAESBAERT (2006); SALVI (2000).

O capital, não obstante a relativa autonomia da ciência, tende a esculpir, subalternizar e controlar o saber científico. De modo que as vinculações entre ciência, sistema produtivo, divisões sociotécnica e territorial do trabalho, classes, ideologias etc., comparecem como elementos estruturais da sociedade, em corriqueira tensão.

É no espaço-tempo marcado pelas mutações econômicas, ideo-políticas e culturais, período denominado por Chesnais (1996) de *mundialização* e por Harvey (2011) de *acumulação flexível*¹⁴, respaldadas pelo fortalecimento do *regime neoliberal* e pela – apressadamente etiquetada – derrocada do “campo socialista”, que os regatos pós-modernos ganharam volume para entremear-se nos dutos sociais.

Por tudo o dito, tem também berço a pós-modernidade, essa árvore ideológica que se crê desideologizada, raiz espácio-temporal que se avista desenraizada. O seu nascedouro data da década de 1930¹⁵, embora haja consenso entre os pesquisadores marxistas de a expansão ter ocorrido no pós-1968¹⁶.

Por dentro dos eixos da “ciência-pós”, desde então vigora um conjunto problemático de temas: a *imediatividade*, com *supressão* da *distinção* entre *aparência* e *essência*¹⁷; a recusa da categoria *totalidade*¹⁸; a *semiologização*¹⁹ da

¹⁴ Para Harvey (2011), existem vínculos entre o fenômeno da pós-modernidade e a ascensão, em fins do século XX (no pós-1968), de um novo regime de acumulação capitalista, regime este que pretendia reverter os processos de crise, através de medidas neoliberais.

¹⁵ Esse termo foi empregado pela primeira vez na década de 30, tendo se popularizado nos anos 60 em New York, por obra de artistas, escritores e críticos (SALVI, 2000, p. 97). Rodrigues (2006, p. 11), baseado em Smith e Anderson, indica que a palavra pós-moderno remonta ao mundo hispânico dos anos 30, onde foi usada por Federico de Onís para expressar o “refluxo conservador dentro do modernismo”. Ribeiro (2006) indica que é tão velha como as classes a reflexão sobre o movimento e a relação entre aparência e essência e que muitos pós-modernos copiam os pré-modernos.

¹⁶ “É o desfecho de Maio de 68, não tanto a sua eclosão, que permite explicar a dominância do discurso pós-moderno na virada do século” (RODRIGUES, 2006, p. 5).

¹⁷ O pós-moderno “de oposição”, Boaventura Santos (1995, p. 35), na contramão do marxismo, ratifica que o paradigma *pós* “suspeita da distinção entre aparência e essência”, conquanto Netto (2004, p. 155) capte a polêmica na “distinção entre sujeito/objeto”.

¹⁸ Brada Lyotard: “Declaremos guerra à totalidade; sejamos testemunhas do irrepresentável; ativemos as diferenças e salvemos a honra do nome” (*apud* KUMAR, 1997, p. 112).

¹⁹ Outro equívoco, dos pós-modernos de direita e de esquerda, é conceber o mundo e a ciência como simples “construção discursiva e/ou narrativa”. Contra isso, Rodrigues (2006, p. 21) expõe que, “Se a realidade, que é objeto da ciência, torna-se signo, o conhecimento científico só pode ser concebido como uma construção discursiva, um jogo de linguagem que, frente a outros saberes, não pode aspirar a qualquer superioridade cognitiva”. E Borón (2003, p. 31), na continuidade da crítica, externa que para os pós-modernos “a realidade não passa de uma infinita combinatória de jogos de linguagem, uma descontrolada proliferação de signos sem referentes nem agentes, e um acúmulo de inquebrantáveis ilusões, resistentes a qualquer teoria crítica empenhada em desvelar conteúdos mistificadores e fetichizantes”.

realidade e o privilégio (quase monopólico) às *dimensões simbólicas* da vida; a entronização do *ecletismo*²⁰ como cânon *metodológico*, posto que o conhecimento pós-moderno, como admite um de seus defensores, “é relativamente *imetódico* (e) constitui-se a partir de uma pluralidade metodológica (SANTOS, p. 2003, p. 77) – o que abre a via para a glorificação da “*transgressão metodológica*”²¹ (idem, p. 77), o “*relativismo*”²² (inteiramente diverso da consciência do caráter relativo de todo conhecimento): completa dissolução da ideia clássica de *verdade*²³ (NETTO, 2010, p. 262); persistência numa perspectiva antirrealista, fundada na ideia de que representações ideais da realidade são a realidade²⁴; a “*unidade* diferenciada que envolve sociedade e natureza (...) tende a ser substituída por *identidade*”²⁵, que, no limite, conduz à tese segundo a qual *todas as ciências são sociais*” (NETTO, 2004, p. 156, parênteses nossos); a “‘necessidade’ de a ciência superar as oposições que estabelece com o *senso comum*”²⁶ (SOUSA, 2005, p. 11); “a ideia de *história*”²⁷ como

²⁰ É admitido que o “pós-modernismo é um *ecletismo*, isto é, mistura várias tendências e estilos sob o mesmo nome. Ele não tem unidade; é aberto, plural e muda de aspecto se passamos da tecnociência para as artes plásticas, da sociedade para a filosofia. Inacabado, sem definição precisa, eis por que as melhores cabeças estão se batendo para saber se a ‘condição pós-moderna’ – mescla de purpurina com circuito integrado – é decadência fatal ou renascimento hesitante, agonia ou êxtase. Ambiente? Estilo? Modismo? Charme? Para dor dos corações dogmáticos, o pós-modernismo por enquanto flutua no indecidível” (SANTOS, 1986, p. 18-19).

²¹ Eis um resumo sobre o trato equivocado do método: “Cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada. Só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta. Numa fase da revolução científica como a que atravessamos, essa pluralidade de métodos só é possível mediante a transgressão metodológica. Sendo certo que cada método só esclarece o que lhe convém e quando esclarece fá-lo sem surpresas de maior, a inovação científica consiste em inverter contextos persuasivos que conduzam à aplicação dos métodos fora do seu *habitat* natural. Dado que a aproximação entre as ciências naturais e ciências sociais se fará no sentido destas últimas, caberá especular se é possível, por exemplo, fazer a análise filológica de um traçado urbano, entrevistar um pássaro ou fazer uma observação participante entre computadores” (SANTOS, 2003, p. 77-78).

²² Para uma crítica ao relativismo: SOKAL; BRICMONT, 2006.

²³ Novamente, Santos (1989, p. 149 *apud* NETTO, 2004, p. 155) dá o tom da questão: “As lutas de verdade são travadas no discurso argumentativo e a verdade é o efeito de convencimento dos vários discursos de verdade em presença e em conflito. A objetividade é a propriedade do conhecimento científico que obtém o consenso no auditório relevante dos cientistas”. A esse nicho do saber, segundo ainda esse autor, a verdade é retórica, pausa mítica, no seio da batalha dos discursos.

²⁴ “Não há real. Não há alguma coisa. Há nada. Quer dizer, a ilusão perpétua de um objeto não captável e do sujeito que crê captá-lo” (BAUDRILLARD, 1996, p. 36).

²⁵ “A *distinção* natureza-sociedade *faz hoje pouco sentido*, uma vez que a natureza é cada vez mais a segunda natureza da sociedade. A natureza é uma relação social que se oculta atrás de si própria” (SANTOS, 1995, p. 274 itálicos nossos).

²⁶ Para Santos (2003, p. 90), “todo conhecimento científico visa constituir-se em *senso comum*”. Óbvio que, para isso, não se deve negar a diferenciação hoje existente entre *senso comum* e científico, senão para empenharmo-nos a que a ciência – e a verdade – ganhe a rua, o povo, em busca de uma relação metabólica menos desequilibrada entre a determinidade da natureza do ser social e o ser relativamente autodeterminado da natureza.

um processo (contraditório) dissolvida num caleidoscópio de *representações* expressas em *discursos* que não pretendem mais que apresentarem-se *logicamente articulados*” (idem, p. 11); repulsa do *historicismo concreto* e da *dialética*; a negação das *metarranativas*²⁸ e *metateorias*; a opção pelos procedimentos *descritivos*, feita através de relatos de fenômenos *particulares*; o *antiontologismo*²⁹ associado a uma concepção *idealista*³⁰ do mundo social, na qual “a regressão teórica contida nessa recaída idealista aparece especialmente na entificação da *Ratio*³¹ *moderna pelos pós modernos*” (idem, ibidem), “entificação que a torna demiurga onipotente de fazer inveja ao Espírito Hegeliano” (idem, ibidem); a rejeição das formas de conhecimento modernas, tais como: o *Sujeito*, a *Ciência*, o *Progresso*, a *Verdade*, a *Ordem*, a *Sociedade*, as *Classes*, as *Ideologias*, a *História* (e, por esquematismo mecânico, a *Geografia*, com o sobrepor do tempo ao espaço) etc., que, supostamente, teriam perdido o sentido ou, então, ocultariam significados incompreendidos até o momento pelas linhas interpretativas da modernidade (EVANGELISTA, 1992, EAGLETON,

²⁷ Concordamos com Evangelista (1992, p. 26), que ataca o pós-modernismo e a ideia de que a “história não tem sentido, o cotidiano substitui o futuro como preocupação. O imediato toma o lugar do mediato. A revolução, a luta pelo poder do Estado..., a transformação macroscópica e de milhões, é substituída pelas ‘pequenas lutas’, pelas infundáveis transformações ‘moleculares’, sem centro, sem coordenação, sem estratégia central unificada”. Motivo da censura de Ribeiro (2006, p. 119) ao membro do maior partido de “esquerda” nacional, defensor de uma “internacional dos fragmentos”.

²⁸ Lyotard (2002, p. 26) definiu a pós-modernidade como um momento de “incredulidade diante das metanarrativas”. E Santos (1986, p. 71-72) escreve que a “pós-modernidade entrou nessa: ela é a valsa do adeus ou o declínio das grandes filosofias explicativas, dos grandes textos esperançosos como o cristianismo (e sua fé na salvação), o Iluminismo (com sua crença na tecnociência e no progresso), o marxismo (com sua aposta numa sociedade comunista). Hoje, os discursos totalizantes quase não atraem ninguém. Dá-se um adeus às ilusões”. Registrando que o marxismo, ao invés de ilusão, situa-se como alternativa brotada do interior do capitalismo, como antagonismo elevado às suas contradições imanentes, o que, por si só, suscita proveitosa discussão sobre os temários das utopias abstratas e idealistas e concretas e materialistas, rasgadas no solo social.

²⁹ Sobre o aspecto antiontológico da pós-modernidade, Rodrigues (2006, p. 22) explicita: “A antiontologia não é uma qualidade peculiar do pós-modernismo. O que particulariza a antiontologia pós-moderna é que ela é em grande parte erigida e alimentada por aquilo que Rouanet (2000) denominou de neo-irracionalismo, isto é, um irracionalismo distinto do passado, tendo em vista que se põe num espectro de esquerda”. Essa *antiontologia* caracteriza-se pelo trato precário que os pós-modernos conferem aos pares que consubstanciam a essência do ser social: sociedade/natureza, essência/aparência e ciência/arte, tidos, frequentemente, como pares quase indistintos.

³⁰ Atentar à crítica de Ribeiro Junior (2013) ao neoidealismo na geografia.

³¹ Sobre a entificação da razão, em detrimento da análise sistêmica, Netto (2010, p. 283) corretamente desnuda que: “Para os pós-modernos, na imanência da razão moderna, a dimensão instrumental, estaria inevitavelmente vocacionada para ‘colonizar’ a dimensão emancipatória. É ao movimento da razão moderna que os pós-modernos creditam as realidades constitutivas da sociedade urbano-industrial, com a sua corte de sequelas deletérias – nas elucubrações pós-modernas, a realidade da ordem burguesa contemporânea aparece como derivada do dinamismo interno da razão incondicionada, que tudo pode”.

1998 parênteses nossos); sem contar, a negação da *objetividade do real*³² em prol do *subjetivismo; transgressora*³³, mas não *revolucionária* etc., que conformam os traços da “ciência-pós”, inclusive daqueles que se creem na margem “esquerda”.

Dentro desse imenso e caótico mosaico, há, todavia, *unidade*, ou *relacionalidade*. E a unidade diz respeito aos nexos constitutivos essenciais que dão sustentação ao campo e que, observados de perto, acenam a um profundo retrocesso analítico, teórico, metodológico e político. Ainda que alguns desses autores reclamem direito a uma disposição progressista, por entenderem representar uma alternativa “científica” nova e “engajada” à ampliação dos espaços de *cidadania, pluralidade* e *democracia*, o seus pontos nodais refletem, em última instância, sintonia e adequação ao sociometabolismo do capital. Tentando, na teoria e na prática, emplacar um “deixa disso” (revolucionário), um “sempre foi e será assim” (assistemático) e um “não há alternativa” (anti-histórico), até que, assim esperanças, possa o capitalismo suplantar a crise e a seus vícios concentracionistas. Menos que cientistas, esses literatos não fazem mais que enxugar gelo e tentar apagar fogo com gasolina.

Não sem motivos, o materialismo histórico (geográfico) e dialético³⁴, para a maioria dos pós-modernistas, é visto como uma, dentre tantas, forma de metanarrativa ou metateoria economicista, determinista, evolucionista, unilateral, racionalista etc.³⁵. Mais um indício de que os elementos nucleares que sustentam a “ciência-pós” estão diametralmente apostos ao mirante da ontologia marxiana.

Pior, dada a propensão passiva do bloco *pós* ao dito mundo globalizado e a vedação de alternativas à ordem vigente, a oposição não passa de ilusão (utopia, no

³² Nas palavras de um pós-moderno “de oposição”: “Ao que parece a cultura pós-moderna funciona como um positivismo ao avesso. Se, para a teoria social positivista, a busca da objetividade científica conduz a negação dos valores na produção do conhecimento, no campo pós-moderno, a afirmação da interferência dos valores na constituição do saber leva a negação da objetividade do real” (SANTOS, 2001, p. 91-92 *apud* RODRIGUES, 2006, p. 70).

³³ Mesmo a “esquerda” pós-moderna, expõe Rodrigues (2006, p. 3, colchetes nossos), “revela-se como uma proposição mais utópica [idealista] que realista e mais rebelde [propositivamente transgressora] do que revolucionária [de fato]”.

³⁴ Não deixa de ser curioso que no momento em que redigíamos este artigo, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) expediu parecer negativo ao financiamento de projeto calcado no método materialista. Nele, lê-se que “o projeto não tem mérito técnico-científico porque é fundamentado no método dialético-materialista histórico”. Para mais: <http://cressrj.org.br/site/wp-content/uploads/2014/06/Parecer-1.pdf>

³⁵ É curioso, entretanto, que Marx seja considerado o “filósofo moderno ultrapassado”, enquanto pensadores como Nietzsche e Heidegger, estejam entre as vedetes pós-modernas.

sentido mais estreito), de busca quixotesca pela emancipação a partir de uma classe social. Para eles, não há mais inimigo a derrotar. (Pudera: juntaram-se eles aos momentaneamente vitoriosos).

Por conta disso, para os pós-modernos as novas condições da sociedade impediriam a abordagem materialista – erroneamente tachada de economicista –, pois não haveria “unidade nem nexos inteligíveis no real para entendermos a vida humana a partir de sua *produção material*” (PINASSI, 2012, p. 11). Aliado à recusa do materialismo, o abandono dos principais aspectos do tripé marxiano: a *dialética*, a perspectiva da *revolução* e a teoria do *valor*, têm fortes implicações políticas, pois o descentramento ou a pulverização da política e a ação organizada em prol do socialismo são, *a priori*, desacreditados, de vez que o *poder* estaria em todos os lugares (achegado ao microfísico), despossuindo centro irradiador preciso, classista, que possa ser atacado e destruído.

No horizonte (anti)teórico-(i)metodológico *pós*, a dialética se transmuta em *democracia-dialógica*, o valor em *valor-utilidade*, a ação revolucionária em *transgressão*. A perspectiva da revolução, aliás, não partiria mais de um sujeito consciente e politicamente organizado, nem tampouco se menciona o trabalho e trabalhadores(as) como polos norteadores à autoemancipação do capital, antes repousando na “audácia democrática e transgressora” que emana dos “‘sujeitos múltiplos’, portadores de muitas especificidades (gênero, etnia, religião, identidade, memória etc.)”, todos “com o mesmo peso e a mesma medida social, reivindicando direitos e inclusão numa sociedade seriamente doente” (PINASSI, 2012, p. 11). Como se a diversidade de “sujeitos múltiplos” não constituísse também uma unidade de trabalhadores explorados pelo regime vigente.

Do ponto de vista *pós*, a recusa à ideia da transformação radical da sociedade por um – *horribile dictu* – sujeito revolucionário é perfeitamente compreensível, do mesmo modo que as implicações políticas³⁶ da relutância, ignorância ou

³⁶ Dentre os inúmeros exemplos dessa des(re)politização coeva, lembramos que: “Têm surgido contra o sistema efeitos bumerangues tipicamente pós-modernos. O individualismo exacerbado está conduzindo à desmobilização e à despolitização das sociedades avançadas. Saturada de informação e serviços, a massa começa a dar uma banana para as coisas públicas. Nasce aqui a famosa indiferença, o discutido desencanto das massas ante a sociedade tecnicada e informatizada. É a sua colorida apatia frente aos grandes problemas sociais e humanos” (SANTOS, 1986, p. 87-88).

resignação³⁷. Como escreve acertadamente Wood (1999, p. 15), “Uma vez que não há sistemas ou história suscetíveis de análise causal, não podemos chegar às raízes dos muitos poderes que nos oprimem”. (Óbvio que não, para quem mudou de margem o *nós* responde à outra classe).

Na enuviada visão pós-moderna, não possui razão de ser aquele “tipo de *oposição unificada, de emancipação humana geral, ou mesmo de contestação geral* do capitalismo, do tipo em que os socialistas costumavam acreditar” (WOOD, 1999, p. 15). Por isso, a pretensão radical da luta contra o capital cede lugar, se muito, a um conjunto difuso de resistências particulares, subjetivistas, exclusivistas etc., que pleiteiam: cidadania (ao invés de emancipação humana, ajuste ao mercado), inclusão social (na estrutura desigual do capital) e dialogia e consenso (entre capitalista e proletário, camponês e latifundiário, explorador e explorado).

Para os que pensam deter o mais profundo senso de realidade, restaria o consensual, pelo fim dos ressentimentos.

Ao observamos dentro do caleidoscópio, não é difícil notar que o campo *pós*, por mais variado³⁸, assume, além de inclinações antiteórica, imetódica, imetodológica e ideo-política, postura reacionária àquela, segundo eles, portadora da metanarrativa totalizante, determinista, economicista, evolucionista... dos marxistas.

Indagamos, por conta disso, até que ponto é possível estabelecer uma “conexão” entre a geografia crítica/radical ou marxista e o pós-modernismo? A verdade é que nem mesmo a insistência de alguns em tentar “conectar” as ideias pós-modernas ao chamado marxismo humanista (representado por ninguém menos que Lukács, bastante influente na Geografia crítica/radical) pode render bons frutos,

³⁷ Como assinalou Rodrigues (2006, p. 5): “Pretendendo, no plano político, oferecer para a esquerda uma via de ação mais condizente com a realidade do que a velha e carcomida via marxista da transformação radical da ordem social burguesa, o pensamento pós-moderno revela-se como uma proposição mais utópica que realista e mais rebelde do que revolucionária. Negando o sentido do progresso e a expectativa de um futuro radicalmente distinto do presente, a cultura pós-moderna consegue combinar resignação com transgressão”. Para nós, nada mais que exercícios fraseológicos realizam os pós-modernos. (Como um pós-moderno, que grita a plenos pulmões que prefere jogos de linguagem à verdade poderia preocupar-se com a transformação efetiva?).

³⁸ Segundo Salvi (2000, p. 97), “Kaplan (1993, p. 13), distingue dois principais sentidos do conceito de pós-modernismo. Para a autora, é possível diferenciar um pós-modernismo *utópico* que segue uma direção derrideana de um pós-modernismo *comercial* ou cooptado que segue uma direção baudrillardiana”.

por tratar-se, em *essência*, de vertentes ontologicamente distintas e diametralmente opostas.

Os fundamentos das vertentes pós-modernas (“de oposição” ou “de contestação”), vez que relacionados aos limites autoimpostos pela estruturação e organização material da sociedade, obstaculizam a ciência não apenas a perfilhar-se *imparcial*, como, também, *neutra*³⁹. Ademais, as ideias pós-modernas, autointituladas de vanguarda, encontram-se encurraladas nos limites (e limitadores) do conhecimento. Motivo de o ideário de uma ciência humana desvinculada, neutra e “acima” dos componentes ideológicos de classe ser totalmente equivocado.

Como escreve Mészáros (2004), a ciência coopera com a legitimação de interesses ideológicos. Ou, como aponta Ribeiro (2010b, p. 72), o conhecimento de “uma situação experienciada no ser é deveras primordial tendo em vista a determinidade ontológica da visão de mundo encontra-se atrelada à força gravitacional exercida pela *classe* a que se pertence”. Isso, claro, sob determinada conjuntura espaço-temporal⁴⁰.

³⁹ Para averiguar a impossibilidade da neutralidade e imparcialidade na ciência, estudar os capítulos 4 e 6 de Mészáros (2004), obras de Japiassu (1975) e, dentre outros, a Löwy (2007).

⁴⁰ São equivocadas as acusações de que o marxismo tende a “ideologizar” como burguês tudo aquilo que não se enquadra ao “campo proletário”, pois isso, no geral, tende a ensacar, juntas, todas as vertentes marxistas, transformando-as em algo indistinto e indiferenciado, além de deduzirem um marxismo monolítico, epistemologicamente privilegiado ou superior às demais correntes científicas. Löwy é um dos que refutam o enunciado, particularmente no cap. 3 e conclusão, onde analisa criteriosamente os postulados de Weber sobre o “Princípio da carruagem” aplicada ao marxismo, assim como a bela metáfora topológica. Citemos alguns trechos: “a) não existe visão de paisagem que não esteja situada em um observatório determinado; b) a síntese ou a média exata entre os níveis superiores e inferiores não representa em nada um ponto de vista privilegiado; c) os limites estruturais do horizonte não dependem da boa ou má vontade do observador, mas da altura e da posição em que ele se encontra; d) o pintor pode passar de um mirante a outro (‘livre flutuação’), mas seu horizonte de visibilidade dependerá sempre da posição em que ele se encontra em tal ou qual momento; e) o observador situado no nível superior pode dar conta tanto dos limites como das visões verdadeiras dos níveis inferiores; f) o mirante não oferece senão a *possibilidade objetiva* de uma visão determinada da paisagem” (LÖWY, 2007, p. 216 e 217). Nossa concordância com Löwy é total, pois a classe confere a potencialidade da visão, mas uma pessoa bem favorecida economicamente, como Engels, pode mudar sua posição ao mirante proletário, o que, por sua vez, põem em tela a proveitosa discussão sobre as condições objetiva e subjetiva de classe, sobre a situação e a consciência que dela se tem. Além disso: “1) Inicialmente, que o dogmatismo do tipo reducionista (pretensamente marxista), que limita a ciência ao ponto de vista de classe, é incapaz de dar conta do processo real de produção do conhecimento. Em suas posições mais extremas, que vão até o ponto de fazer da verdade o apanágio de uma só classe (ou pior, de um partido considerado representante desta classe), conduz a absurdos evidentes. 2) Em seguida, que a história da ciência social se desenvolve com um certo nível de continuidade: Marx continua-critica-supera Ricardo, e o mesmo tipo de relação dialética (*Aufhebung*) define a ligação entre Lukács e Max Weber, Gramsci e Croce, Rosa Luxemburgo e Sisoni etc. Apresentar (como o faz o marxismo positivista) o marxismo como a *ciência* da sociedade (ou da história) simplesmente, face à qual as outras teorias (anteriores, contemporâneas e posteriores a Marx) não seriam senão “ideologias”, é uma pretensão arrogante

Não se trata, pois, de tecermos “camisas de força ideológica, como a de uma ‘Ciência proletária’ soviética na Guerra Fria enaltecida do Estado, ou com a instrumental ciência norte-americana” (RIBEIRO, 2010b, p. 72), mas reconhecer e assinalar o “campo gravitacional classista”, ideológico e político, no qual orbitam as heterogêneas vertentes pós-modernas. E mais, apontar que também aqui, nesse campo, elas não só se contrapõem ao marxismo, como, fundamentalmente, pretendem anulá-lo, após tanto o denegrir. É no âmbito da *luta de classes*, portanto, que o ideário (“de direita” e “de esquerda”) pós-moderno deve ser “desconstruído”.

Nesse sentido, como registra Netto (2010, p. 258), “paralelismos, comparações, e, em especial, analogias históricas quase sempre são falaciosos”, porém, “se levadas em conta as concretas determinações que particularizam os processos em tela, não deixam de ter a sua utilidade, ainda que ilustrativa”.

Dito isso, retomemos alguns temas levantados por Marx, recolocados por Lukács (1968)⁴¹ e, posteriormente, reconsiderados por Coutinho (2010), Sousa (2005), Rodrigues (2006), Netto (1978, 2004, 2010), Pinassi (2004) e Lara (2013).

Apesar de Lukács hipotecar a compreensão do processo de “decadência ideológica”⁴² a um momento preciso do desenvolvimento socioeconômico contraditório do capital, isto é, o conturbado período revolucionário de 1848 em que

que (como vimos) Marx não partilhava absolutamente e que torna incompreensível o tipo de relação que existe entre elas depois de um século de cientistas marxistas e não-marxistas. 3) Enfim, que a ciência situada na perspectiva mais vasta e mais totalizante, isto é, aquela vinculada à visão proletária de mundo – pode e deve ser capaz de integrar em seu ‘quadro’ da paisagem as verdades parciais produzidas pela ciência dos níveis inferiores e mais limitados. Esta incorporação ou absorção de elementos de verdade em um conjunto estruturado e ‘engajado’ não tem nada a ver com o ecletismo e não significa absolutamente que as oposições irreduzíveis entre visões de mundo antagônicas desapareceram. Ao integrar em sua análise certas críticas de Sismondi ao capitalismo, Marx e Rosa Luxemburgo não se tomaram mais ecléticos, e não encobriram as divergências fundamentais que os separavam deste economista que sonhava com um retomo ao passado” (LÖWY, 2007, p. 216 e 217).

⁴¹ Segundo Tertulian: “A destruição da razão é, sem dúvida, o livro mais controvertido de György Lukács: desde seu aparecimento, há mais de 30 anos, uma massa impressionante de contestações se acumulou em torno desta obra”, embora não seja possível negar que a “estrutura da obra é mais sólida e o porte de sua tese fundamental é maior do que se poderia imaginar seguindo-se o julgamento corrente” (TERTULIAN, 2010, p. 16 e 25). A bem da verdade – como ocorrera com Marx, mas sem a etiqueta da *ruptura epistemológica* – as obras de Lukács respondem ao concreto momento/espço do ser, do viver e pensar (RIBEIRO, 2009b, 2009c).

⁴² A elaboração teórica do sobre o fenômeno da decadência ideológica em Lukács tem início no ensaio “Marx e o problema da decadência ideológica”, de 1938, seguindo no livro de 1947: “Existencialismo ou marxismo?”, culminando na obra: “A destruição da Razão” de 1952”. Ademais, segundo Netto (1981, p. 50), “Ao nível político-ideológico, Lukács reintroduziu, no pensamento marxista, a denominação precisa do fenômeno da ‘decadência ideológica’ da burguesia, clarificando sua gênese, seu desenvolvimento necessário e suas consequências”.

a burguesia conseguiu legitimar seu poder, as reverberações teórico-ideológicas (e políticas) do processo correram adiante, até o período atual de crise estrutural do capital que, segundo Netto (2010, p. 267), pelo exame das contradições do campo pós-moderno no contexto de *acumulação flexível e neoliberal*, pode revelar os *elementos axiais* (traços *imanentes*) daquele período identificado por Lukács, atinente ao pós-1848. De modo que as diversas *posições ideológicas* que partilham do mirante do capital, incluindo a vertente de maior destaque na atualidade, a pós-modernidade, não podem escapar à sua processualidade. Em outras palavras, a categoria de decadência ideológica marxiana-lukacsiana resgata as *mediações* “entre força material e construção ideológica do sistema do capital, oferece[ndo] a possibilidade da crítica, genuína e fecunda, que restabelece a perspectiva ontológica histórico-[geográfica]-materialista”⁴³ (LARA, 2013, p. 98, colchetes nossos).

A perspectiva da decadência ideológica, portanto, dá pistas sobre possíveis correlações entre os *fiões ideológicos* e *classistas*, isto é, as tendências ideo-políticas das propostas pós-modernas e as transformações materiais⁴⁴ do sistema do capital desde os idos de 1848⁴⁵, até recentemente, no pós-1968, quando é pavimentada a via para o “giro à direita” e aberta a “curva descendente da cultura progressista e humanista, ali se limpa o caminho para o derradeiro estágio de decadência ideológica, no qual se inscreve o pensamento pós-moderno” (NETTO, 2010, p. 267).

Do ponto de vista marxiano/marxista, que compreende a processualidade das ideologias em suas múltiplas dimensões sócio-históricas e geográficas, é possível, como sinaliza Netto (2010), atinar para as relações entre a decadência ideológica e o ideário pós-moderno, duas facetas da mesma moeda, segundo este autor. A ideologia pós-moderna, por não reconhecer “a sua própria historicidade (ou seja, o

⁴³ Para Pinassi (2004, p. 143), a decadência ideológica “está intimamente relacionada à eficiência da produção material, [sendo que] suas formas de ação passam a funcionar como remediadoras dos problemas e contradições gerados em seu mecanismo de funcionamento. Essa forma decadente do exercício ideológico advém das condições sociais que se seguem à revolução burguesa e constitui o substrato da função civilizatória do capital, o conteúdo “moral” e “ético” da sua fase de ascensão histórica”.

⁴⁴ Como indicou Eagleton (1997, p. 183): As dimensões políticas e ideológicas possuem uma relação interna com as condições materiais, “não no sentido de que essa condição é a *causa* automática delas, mas no sentido de que é a *razão* para elas”.

⁴⁵ “O significado de 1848 é precisamente este: com a derrota das aspirações democrático populares, determinada pelo comportamento de classe da burguesia, o *proletariado* se investe, em nível histórico-universal, como o herdeiro das tradições libertárias e humanistas da cultura ocidental, constituindo-se como o sujeito de um novo processo emancipador, cuja condição prévia, histórico-concreta, é a ruptura mais completa com a ordem do capital” (NETTO, 1998, p. 19-20).

seu condicionalismo histórico-social)", inscreve-se como "*consciência*, na medida em que fornece um certo tipo de conhecimento que permite aos homens e mulheres moverem-se na sua vida cotidiana", operando como *orientadora* de comportamentos (culturais, intelectuais, políticos etc.) e *indicadora* de problemas, tensões e condições nessa "quadra histórica em que (o capital) se mundializa e têm hipertrofiadas as suas dimensões especulativo-financeiras" (NETTO, 2010, p. 267).

Não obstante, o pensamento pós-moderno, apesar de vinculado remeter à decadência ideológica tem diferenças em relação ao início do processo, pois aparece na forma sintomática "de fracasso, de renúncia, de abandono do que pouco se compreendeu" (PINASSI, 2004, p.149).

Por isso, Rodrigues (2006, p. 63-64) assevera que, "As argumentações que propalam o pós-moderno, como reação celebratória ou contestatória às patologias da modernidade tardia, não passam de uma ideologia". Nessa medida, os vínculos entre a ideologia decadente da pós-modernidade, que, aliás, "interpreta" a crise atual "como um dos sinais de esgotamento de todo um padrão civilizatório da modernidade" (BRAZ, 2006, p. 269) e, simultaneamente não propõe nenhuma saída concreta, torna-se cada vez mais dificultoso esconder a simbiose entre as ideologias pós-modernas e o processo de crise estrutural do capital. Não por acaso, as visões de mundo burguesas, cuja representante-mor é a pós-modernidade, apresentam "tendências que não se preocupam em construir conhecimentos que levam em consideração a modernidade social" – assim como negam e/ou ignoram o desenvolvimento histórico-geográfico –, evitando a construção de um saber calcado na *ontologia* materialista marxiana, isto é, na *ontologia do ser social fundada no trabalho* (MARX, 2002; LUKÁCS, 2012, 2013).

Como alertamos, as complexas mediações não permitem identificações abruptas e paralelismos forçados. Não obstante as raríssimas exceções, no campo da Geografia (tocada pela pós-modernidade), muitas das correntes (e seus respectivos métodos imetódicos [sic!]), justamente por consubstanciarem uma ciência social metabolicamente funcional, compartimentada, produtivista, deformada, descritiva, imediatista, relativista, eclética, pseudoimparcial, pseudoneutra, instrumentalizada, hipoteticamente anistórica e anti-histórica, apolítica e antipolítica, irracionalista e contrarracionalista, neokantista, pós-estruturalista, pós-

existencialista, historicista, neoultrapositivista, neodeterminista etc., confirmam exatamente o que desejam negar, desarmando-se para rearmar a *(hiper)alienação*, *(hiper)reificação*, *(super)exploração* e *(hiper)precarização*.

Aí estão os fragmentos, dispersos, de um presente *trágico* que simula repetir-se, só que agora como *farsa*, no qual os pesquisadores “desinteressados foram substituídos por espadachins mercenários, a investigação científica imparcial (cedeu) lugar à consciência deformada e às intenções perversas da apologética” (MARX, 2002, p. 24, parênteses nossos).

O exame dos movimentos do campo *pós*, sua aderência, confluência e convergência, em níveis ideo-políticos (pelas declarações dos “fins”: “da história”, “do trabalho”, “das ideologias”, “do socialismo”, “do marxismo”, “da Geografia”⁴⁶, “da luta de classes” etc.), desvela o acostamento “ao ponto de vista do capital” (nuançada pelos estereótipos da “sociedade”: “pós-industrial”, “da informação”, “do conhecimento”, “do consumo”, “pós-capitalista” etc.).

No final das contas, nada mais figuram que a “vanguarda” da “decadência ideológica”, em nosso espaço-tempo. Vanguarda retroativa, age na retaguarda, a reboque do capital. Tal pretensa “vanguarda” renuncia veementemente qualquer posicionamento de ruptura radical com o capital. Pior, contrapõe-se não só no discurso, como na vigília “para que ninguém ouse tirar das ciências econômicas e sociais conclusões que poderiam desacreditar o sistema” (NETTO, 1978, p. 18), descambando em um *neoconservadorismo* jamais visto na *ciência*.

Assim, a onda da “direitização” neoliberalizante do pós-1970, particularmente no “Ocidente e na América Latina” (CUEVA, 1989), avolumou-se para, como um tsunami, arrasar ao mundo, afetando capilarmente aos espaços acadêmicos, transformados em praias capitalistas do *produtivismo*⁴⁷ imediatista e da *precarização do trabalho*⁴⁸, propícias à produção fluída de conhecimentos e aprendizados tão efêmeros quanto os paradigmas pós-modernos e pós-fordistas são capazes de idear, enquanto, do outro lado, o professor-pesquisador “se fatiga, adocece e ‘morre’ um pouco a cada minuto de suas práticas universitárias” (SILVA JR.; SGUISSARDI, 2009, p. 254). Esta é uma das muitas formas de expressão do *mundo do trabalho*,

⁴⁶ Cf. VIRILIO, 1993; BAUMAN, 1999.

⁴⁷ Cf. SILVA JR; PINTO e SILVA, 2009; SILVA JR; SGUISSARDI, 2009.

⁴⁸ Cf. OLIVEIRA, 2014.

(manual e intelectual), contemporâneo. (Talvez não o mundo do trabalho de todos os pós-modernos, que se regalam das vantagens de patrocinar a ordem.)

A “ciência” pós, desse modo, não só cai como uma luva porque reforça, via aparato ideológico, as condições materiais de precariedade na seara da ciência (escolas, universidades etc.), como se funde ao pragmatismo e à alienação, obstando a compreensão das entranhadas raízes da exploração (forma-mercadoria, mais-valor, acumulação, mundialização desigual e combinada etc.).

Ao celebrarem, por exemplo, no domínio da Geografia, a fragmentação, a flexibilização, o particularismo, o imediatismo, a especialização e, entre outras coisas, o pragmatismo científico, o bloco pós-moderno, enquanto *falsa consciência* ou visão burguesa de mundo, *legítima* e *potencia* as funções prestativas do cientificismo, em detrimento da classe trabalhadora, almejando remover da cena histórica os princípios basilares da *pedagogia do oprimido* (FREIRE, 1987) (luta de classes, trabalho estranhado, propriedade privada, fetiche da mercadoria etc.), categorias que, entrançadas aos temários dessa ciência (como: espaço, território, região, paisagem, lugar, escala etc.), ontem como hoje, merecem atenção redobrada à leitura e escritura do mundo, com a ótica e o formão da maioria, os de baixo.

Não corramos, no entanto, o risco do dogmatismo, alertado por tantos. Saibamos reconhecer, visitar e “incorporar, *donde venham*, aportes que ajudem à compreensão dessa realidade em termos totais” (SANTOS, 1982, p. 132), pois, no que Konder (2009) chama de “Batalha das ideias”, “a verdadeira tradição do marxismo criador”, alerta-nos Sebreli, “não está em varrer por motivos políticos (e outros) o pensamento não-marxista em sua totalidade” (*apud* SANTOS, 1982, p. 133, parênteses nossos), mas sim, meditar e incorporar, criticamente, as heranças... dentro e fora da Ciência Geográfica, na teoria e no mundo que a engravida.

Por isso da alegoria, aqui empregada, de o pós-modernismo remeter à imagem de um *labirinto espelhado*, cujas paredes ideológicas “refletem”, para todos os lados, de modo difuso, fragmentário e caótico, aquele emaranhado assombroso da barbárie capitalista contemporânea. Labirinto este que a teoria marxiana (e marxista) pode perscrutar e transpassar, tanto por manter como guia o “fio de Ariadne” teórico-metodológico (e político), como o formão da práxis revolucionária.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Dada a natureza da *crise estrutural-sistêmica* do capital, de constituição *omniabrangente* e *potencialmente destrutiva* à humanidade, reatualiza-se, de modo significativo, o lema do *socialismo* ou *barbárie*, vez que permanecem na ordem do dia os fundamentos teórico(prático)metodológicos marxianos.

Envolvido com a compreensão das relações/condições materiais/sociais da vida, em meio à degradação *social* e *natural* insuflada pelo regime do capital, de modo desigual e combinado, o marxismo segue encarando o “desafio e o fardo do tempo histórico e [geográfico]” (MÉSZÁROS, 2007, colchetes nossos), pois, não nos deixa esquecer Moreira (2004, p. 22), retomando a Sartre, “enquanto houver capitalismo – e atitude anticapitalista –, haverá marxismo”.

Conforme a *barbárie* capitalista agiliza a marcha contraditória, incidindo destrutivamente sobre a totalidade-mundo, a teoria marxiana, “apesar dos numerosos reveses e reversões sociais e das revisões teóricas correspondentes” (MÉSZÁROS, 2004, p. 307) é, ainda, *a teoria viva do espaço-tempo presente*.

Urge compreender, dessarte, que, hoje, “da mesma maneira que a geografia tem muito a lucrar da herança marxista”, também “tem muito a oferecer para o avanço da teoria marxista como um todo” (SANTOS, 1982, p. 134).

É nos interstícios dessa *reciprocidade dialética* entre *Ciência Geográfica* e *teoria radical* que, opostamente ao que pregam alguns, a relevância ontológica do método histórico-dialético, forjado por Marx e Engels, adquire força superior, exatamente no apogeu da “decadência ideológica” pós-moderna, que inunda a teoria social crítica de dúvidas e complexos de inutilidade. É preciso escalar o “mirante” revolucionário e galgar a terra firme onde o horizonte permite a percepção da “paisagem em toda a sua extensão”, invisível “senão do cume” (LÖWY, 2007, p. 212).

Devido à envergadura revolucionária do método e teoria marxianos, conservam-se vivas as *esperanças* e as *utopias*, e acesa a chama do *socialismo*.

Dado o alastramento da crise estrutural do capital a todas as esferas da vida, o método e a teoria marxianos *seguem* denunciando a essência doentia desse

metabolismo social, preparando-se, de maneira investigativa e propositiva, aos combates vindouros.

Dialeticamente, para talhar o futuro é necessário reconhecer o passado, pois o amanhã é desenhado no espaço do presente, inclusive por constituir-se o espaço de acúmulo de tempos, tramas, dramas, ações, fatos.

Imprescindível, na empreita, ter em ambas as mãos, bem firmes, a *lanterna da razão* e o *formão da práxis*: a luz da razão para desviar de montanhas de ideologias e de nuvens de mentiras sopradas à viseira da classe trabalhadora e, o formão da práxis (*revolucionária*, bom que se diga), para destroçar o labirinto de espelhos que, carregado de vaidades e conformismos, torce as vistas de uma maioria social, que, apesar disso, de tanto refletir e tatear, não se cansa de esculpir e larguear a fenda da nova espiral espacial.

A “ciência-pós”, sem querer, parte de princípios, sobretudo o de que as rupturas violentas ficaram no passado. Por conta disso, nem chega a erigir-se em ciência. Não passa de pós-ciência, de vez que não pode ser, abdicando da verdade, levada a sério.

Ideologia burguesa é o outro nome do guarda-chuva pós-moderno, aberto para proteger a burguesia da ácida chuva da ideologia proletária.

Os pós-modernos sérios, autointitulados de esquerda, poucos na verdade, são presas fáceis dessa *tragédia* ideológica, revigorada pela crise do metabolismo societário. Para a maioria, a pós-modernidade é a *farsa* que precisavam para difundir a panaceia do “novo” tempo.

Desde que ascendera ao poder, desbancando o feudalismo em Europa, a burguesia decretara o fim da História, eternizando a ideia do ser social que lhe apraz.

Como no universo da moda, de tempos em tempos recorre-se à repetição.

Mais do mesmo. Apenas isso... Por enquanto.

BIBLIOGRAFIA

BRAZ, M. Partido proletário e Revolução: sua problemática no século XX. Tese de doutorado em Serviço Social pela UFRJ, mimeo, 2006.

BAUDRILLARD, J. *O crime perfeito*. Lisboa: Relógio d'Água, 1996.

BAUMAN, Z. *Globalização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BENKO, G. Modernidade, pós-modernidade e ciências sociais. *Revista do Departamento de Geografia*. São Paulo: AGB-seção local, nº 13, p. 187-213, 1999.

BORÓN, A. A. *Império & imperialismo*. Buenos Aires: Clacso, 2002.

_____. *Filosofia política marxista*. São Paulo: Cortez, 2003.

CHESNAIS, F. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xama, 1996.

COUTINHO, C.N. *O estruturalismo e a miséria da razão*. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2010.

CUEVA, A. *Tempos conservadores*. São Paulo: Hucitec, 1989.

EAGLETON, T. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Unesp, 1997.

_____. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

EVANGELISTA, J.E. *Crise do marxismo e irracionalismo pós-moderno*. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. Elementos para uma crítica da cultura pós-moderna. *Novos Rumos*. São Paulo: Instituto Astrogildo Pereira, ano XVI, p. 29-40, 2001.

EVANGELISTA, H. A. Geografias moderna e pós-moderna. *Geographia*. Niterói: UFF, ano 1, nº 1, p. 121-137, 1999.

_____. Teoria social e pós-modernismo. *Cronos*. Natal: UFNR, v. 7, p. 271-281, 2006.

_____. *Teoria social pós-moderna*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

HAESBAERT, R. *Territórios alternativos*. São Paulo: Contexto, 2006.

HEBDGIE, D. *Hiding in the Light: On imagens and things*. Londres, Routledge, 1988.

HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2011.

JAPIASSU, H.F. *O mito da neutralidade científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

KONDER, L. *O marxismo na batalha das ideias*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

KUMAR, K. *Da sociedade pós-industrial à sociedade pós-moderna*. São Paulo: Zahar, 1997.

LARA, R. Notas lukacsianas sobre a decadência ideológica da burguesia. *Revista Katálysis*, Florianópolis: UFSC, v. 16, nº 1, p. 91-100, jun. 2013.

LYOTARD, J-F. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

LÖWY, M. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*. São Paulo: Cortez, 2007.

LUKÁCS, G. *El asalto a la razón*. Barcelona: Grijalbo, 1968.

_____. *Para uma ontologia do ser social I*. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. *Para uma ontologia do ser social II*. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. *O capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão popular, 2008.

MÉSZÁROS, I. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. *O poder da ideologia*. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. *O desafio e o fardo do tempo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MOREIRA, R. Marxismo e Geografia. *GEOgraphia*. Niterói: UFF, ano VI, nº 11, p. 21-38, 2004.

NETTO, J. *Lukács e a crítica da filosofia burguesa*. Lisboa: Seara Nova, 1978.

_____. Lukács. In_____. LUKÁCS, G. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1981 (Coleção Cientistas sociais, nº 20).

_____. Elementos para uma leitura crítica do Manifesto Comunista. In_____. MARX, K; ENGELS, F. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Cortez, 1998, p. 9-76.

_____. *Marxismo impenitente*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *Introdução ao estudo do método em Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

OLIVEIRA, A.L.A. *Aspectos da dinâmica socioterritorial do trabalho terceirizado: em busca dos "territórios terceirizados"*. (Dissertação de mestrado) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas-MS, 2014.

PINASSI, M.O. Da miséria ideológica à crise estrutural do capital: uma reconciliação histórica. *Margem Esquerda: ensaios marxistas*, nº 04, Boitempo editorial, São Paulo, 2004, p. 141-159.

PINASSI, M.O. Prefácio. In _____. RODRIGUES, F.C; NOVAES, H.T.; BATISTA, E.L. (orgs.). *Movimentos sociais, trabalho assalariado e educação para além do capital*. São Paulo: Outras Expressões, 2012, p. 7-12.

RIBEIRO, J.C. Prolegômeno ao método. In _____. *A geografia das formas espaciais de reprodução da existência humana ao longo do tempo à luz do materialismo histórico-geográfico*. Niterói: UFF, 2006, p. 8-136 (Tese de Doutorado).

_____. Esboço de uma crítica a algumas teorias da evolução humana. *Revista AGB/TL*. Três Lagoas: UFMS, nº 9, ano 6, p. 41-60, 2009a.

_____. Reflexões lukacsianas sobre a catarse social. III Seminário Científico Teoria Política do Socialismo. *Anais...* Marília: UNESP, 2009b.

_____. Na unidade dialética entre ética e estética, um dos traços da ontologia de Lukács. III Seminário Científico Teoria Política do Socialismo. *Anais...* Marília: UNESP, 2009c.

_____. Continuidades e rupturas entre o espaço e o ser social. VI ENG. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2010a.

_____. De como a Geografia pode contribuir com a leitura do movimento, enquanto corpo teórico em movimento. *Terra Livre*. São Paulo: AGB-nacional, ano 26, v. 2, nº 35, p. 69-88, 2010b.

RIBEIRO JUNIOR, J.A.S. Idealismo e materialismo. *Geografia em Questão*. Marechal Cândido Rondon: EDUNIOESTE/AGB-seção local, v. 6, nº 2, p. 46-62, 2013.

RODRIGUES, M. *Michel Foucault sem espelhos*. Rio de Janeiro: UFRJ/ESS, 2006 (Tese de doutorado).

ROUANET, S.P. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

SALVI, R. F. A questão pós-moderna e a Geografia. *Geografia*. Londrina: UEL, v. 9, nº 2, p. 95-111, 2000.

SANTOS, B.S. *Pela mão de Alice*. S. Paulo: Cortez, 1995.

_____. *A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo, Cortez, 2001.

_____. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, J.F. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SANTOS, M. Alguns problemas atuais da contribuição marxista à geografia. In_____. (org.). *Novos rumos da Geografia brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1982, p. 131-139.

SARTRE, J.P. *Questão de método*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SICAPES. Sistema integrado Capes. Disponível em: <http://cressrj.org.br/site/wp-content/uploads/2014/06/Parecer-1.pdf>. Acesso em: 06/06/2014.

SILVA JUNIOR, J.R.; SGUISSARDI, V. *O trabalho intensificado nas federais*. São Paulo: Xamã, 2009.

SILVA JUNIOR, J.R.; PINTO E SILVA, Eduardo. O fetichismo do produtivismo acadêmico e a real intensificação do trabalho docente. *Movimento em Debate*, Campinas, p. 38-61, 31 maio 2009.

SOJA, E. *Geografias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SOKAL, A.; BRICMONT, J. *Imposturas Intelectuais*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SOUSA, A.A.S. Pós-modernidade. *Temporalis*, Brasília: ABEPSS, ano 5, nº 10, p. 51-81, 2005.

TERTULIAN, N. A destruição da razão trinta anos depois. *Revista Online Verinotio*, nº 13, ano VII, p. 15-25, abr. 2010. Disponível em: <<http://www.verinotio.org/conteudo/0.85223985635884.pdf>> Acesso em: 13/11/2014.

VIRILIO, P. *O espaço crítico*. São Paulo: 34, 1993.

VITTE, A. C.; SILVEIRA, R. W. D. da. Tensões entre ciência e filosofia na construção de um saber geográfico. In_____. FRAGA, N. C. (org.). *Territórios e fronteiras - (re)arranjos e perspectivas*. Florianópolis, 2011. p, 177-208.

WOOD, E.M. O que é a agenda “pós-moderna”. In_____. FOSTER, J. B. (org.). *Em defesa da história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 7-22.